

ÁGUA PARA DENTE SÃO



RUBEM BRAGA

(Reportagem do
"JORNAL do BRASIL"
19. 7. 64)

APRESENTAÇÃO

Este folheto reproduz uma reportagem publicada no "Jornal do Brasil" de 19.7.64 e assinada pelo escritor e cronista Rubem Braga.

O tema abordado é o da fluoretação da água como medida de prevenção da cárie dentária que, na realidade, constitui um dos aspectos mais relevantes do campo da Saúde Pública e da Odontologia Sanitária, especificamente.

Visando u'a maior divulgação do assunto, transcrevemos aqui essa reportagem que nada deixa a desejar e que pelo seu estilo claro, simples e objetivo, abordando todos os pontos essenciais do problema, caracteriza-se pela sua acessibilidade ao entendimento do grande público.

* * * * *

Mais da metade das dores de dente que fazem sofrer as crianças das cidades brasileiras poderia ser evitada. O índice de cáries pode baixar de cêrca de 62 por cento se a água que abastece as cidades fôr fluoretada. Isto é o que diz a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública, depois de uma experiência de dez anos feita na cidade capixaba de Baixo Guandú, à margem do Rio Doce, na fronteira de Minas.

Êste repórter estava lá, em Baixo Guandú, no dia 31 de outubro de 1953, quando o SESP inaugurou êsse serviço. Foi por isso que agora, mais de dez anos depois, o Chefe da Seção Odontológica do SESP, Sr. Paulo da Silva Freire, o chamou para tomar conhecimento dos resultados da experiência, antes mesmo de redigir seu relatório a respeito.

A EXPERIÊNCIA DE BAIXO GUANDÚ

Antes de começar o serviço, em 1953, o SESP examinou a bôca dos escolares de 6 a 14 anos, nascidos em Baixo Guandú. No ano passado voltou a fazer o mesmo, isto é, examinou os escolares daquela idade nascidos na cidade e, portanto, criados já a beber a água fluoretada. Conclusão: 62,3 por cento menos de dentes atingidos pela cárie. A meninada de hoje tem dentes muito melhores.

O menino de seis anos, que em 1953 tinha em média 2,46 dentes atingidos pela cárie, tem agora 0,48, isto é, menos de um dente cariado em cada dois meninos. O garoto de 14 anos (aos 14 anos a criança tem 28 dentes, ao passo que aos 6 anos tem apenas 10; logo, o número de dentes afetados pela cárie, tem de ser maior entre os de 14 anos) que em 1953 tinha em média 11,02 dentes atingidos pela cárie, em 1963 tinha apenas 4,90 dentes cariados.

Quanto às idades entre 6 e 14 anos, o leitor pode consultar o quadro que publicamos na página nº 7 dêste folheto. Índice CPO quer dizer índice de dentes cariados, perdidos e obturados, isto é, todos os dentes atingidos pela cárie até aquele momento.

Os números representam a média de dentes atingidos pela cárie em cada criança do grupo de idade. O quadro mostra que a média da redução de 6 a 14 anos foi de 62,3%.

Em resumo: a fluoretação da água dá certo, baixando de maneira impressionante a incidência da cárie na população infantil. E não tem contra-indicação nenhuma. Por que então não fazer isso em todas as cidades? Se em muitos outros países, principalmente os Estados Unidos, isso deu certo, e já temos uma experiência positiva no próprio Brasil, por que não instalar o mesmo serviço em todas as cidades?

O FLÚOR ERA CARO

Na realidade, antes mesmo de serem conhecidos os resultados da experiência de Baixo Guandu diversas cidades brasileiras, instalaram o mesmo serviço. O entusiasmo pela coisa foi grande, principalmente no Rio Grande do Sul, onde a fluoretação da água foi feita em 50 cidades; em Pernambuco ela se fêz em três cidades (inclusive Olinda), em São Paulo em duas (Campinas e Marilia) no Paraná, em Curitiba.

Em algumas cidades a instalação foi feita, mas parou de funcionar; é o caso, por exemplo, de Uberaba, em Minas, Vitória, no Espírito Santo e Campos, no Estado do Rio.

Um Prefeito instalou a coisa, outro já a deixou de lado, segundo o melancólico hábito brasileiro. Mas de certo modo alguns prefeitos tinham razão: o flúor saía um tanto caro.

Em Baixo Guandu a fluoretação da água é feita com fluor-silicato de sódio, importado da Europa. A dose é de oito décimos de miligrama por litro de água. O preço desse fluorsilicato importado é hoje de Cr\$1.200,00, o quilo. Esse preço e as dificuldades da importação, eram os grandes obstáculos à campanha de fluoretação. Mas o SESP, depois de vários estudos, chegou à conclusão de que podia usar para o mesmo fim a fluorita, existente em vários Estados do Brasil.

A dificuldade é que a fluorita é muito pouco solúvel na água, mas ela foi vencida pela idéia de usar a fluorita em solução com sulfato de alumínio.

Com isso, a nossa fluorita, que custa apenas 60 cruzeiros o quilo, pode ser utilizada. E ela existe em abundância no País, já estando sendo explorada em Crisciúma, Santa Catarina, Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e Currais Novos, no Rio Grande do Norte.

PROCUREM O SESP

O novo processo já está sendo usado em Macaé, no Estado do Rio, com plano êxito e enorme economia. O cálculo atual é o seguinte, com o uso da fluorita nacional, a fluoretação da água fica em 91 cruzeiros anuais para cada ligação, para cada casa; como a média de famílias no interior é calculada em cinco pessoas, o preço é de 20 cruzeiros por pessoa, por ano. Não é barato para livrar cada pessoa, em média, de mais de 62 por cento das cáries dentárias?

Quanto à instalação, é barata, ao alcance dos mais po-bres dos municípios. E o Serviço Especial de Saúde Pública faz convênio com qualquer Governo estadual ou municipal que se interessar. É para fazer essas coisas que êle existe. Os interessados que o procurem na Avenida Rio Branco, 251, 13º andar, Rio.

NO RIO NÃO PODE SER

E o Rio, por que não instala êsse serviço? Os técnicos dizem que isso, no momento, é praticamente impossível, devido ao grande número de fontes de abastecimento de água da Cidade, e à complicação de sua rede de ligações, em parte misteriosa, pois não há mapas completos que mereçam confiança. Só depois de pronta a segunda adutora do Guandú será interessante instalar o serviço no Rio.

No momento há, entretanto, alguns cariocas privilegiados, que consomem água fluoretada: uma parte dos habitantes da Tijuca, servidos por um manancial local, e todos os da Ilha de Paqueta.

Há, pelo menos, duas cidades no Brasil que não precisam dêsse serviço: são as de Aratiba e Espumoso, no Rio Grande do Sul, onde a água é naturalmente fluorada.

A fluoração — ou fluoretação, como preferem dizer agora os técnicos — pode ser feita também com aplicações tópicas, isto é, esfregando o fluoreto nos dentes das crianças.

Claro que isso dá muito trabalho e só é praticável em escolares. Mas a experiência foi feita em Aimorés, cidade mineira bem pertinho de Baixo Guandú, e o índice de redução dos casos de cárie foi de 40 por cento.

ÍNDICE CPO* - BAIXO GUANDU 1953 - 1963				
ANO IDADE	CPO		DECRÉSCIMO DO CPO	PERCENTUAL DO DECRÉSCIMO
	1953	1963		
6	2,46	0,48	1,98	80,5
7	3,17	0,81	2,36	74,4
8	3,86	1,52	2,34	60,6
9	4,55	1,86	2,69	59,1
10	6,29	2,01	4,28	68,0
11	6,71	3,01	3,70	55,1
12	8,61	3,69	4,92	57,1
13	9,41	4,58	4,83	51,3
14	11,02	4,90	6,12	55,5
* CPO - DENTES CARIADOS, PERDIDOS OU OBTURADOS MÉDIA DA REDUÇÃO DE 6 a 14 ANOS - 62,3 %				

Ministério da Saúde
Fundação Serviço Especial de Saúde Pública
Divisão de Orientação Técnica
Seção de Educação Sanitária
Rio de Janeiro, GB
1 9 6 4

*Material digitalizado em setembro de 2018 sob
responsabilidade do CECOL/USP a partir de original
gentilmente cedido pela Profª Drª Maria do Carmo Matias Freire, da
Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Goiás (UFG),
proveniente do arquivo pessoal do Prof. Dr. João Batista Gonçalves*



Centro Colaborador do Ministério da
Saúde em Vigilância da Saúde Bucal
CECOL/USP